**SINALIZE PARA UMA CRIANÇA:**

**TESSITURAS LITERÁRIAS ENTRE CODAs E SEUS PAIS**

Liliana Secron Pinto – FFP/UERJ

Anna Luiza Schiavini Soares Souza– FFP/UERJ

Rosimeri de Oliveira Dias – FFP/UERJ

O trabalho aqui apresentado nasce do encontro de duas pesquisas desenvolvidas no Grupo de Pesquisas Oficina de Formação Inventiva de Professores – OFIP/CNPQ da FFP/UERJ: uma de graduação, de uma estudante CODA (children of deaf adults) licencianda em pedagogia que pensa produção de subjetividade das crianças filhas de pai surdo e/ou mãe surda (CODA) e outra de doutorado de uma professora de literatura da escola básica que traz a relação entre corporeidade e literatura na formação inventiva de professores e colocam em análise tessituras literárias das crianças CODA com seus pais. Este artigo é escrito por entre experiências de pesquisas que se posicionam a favor da invenção de si e de mundos.

Palavras Chaves: CODA, LIBRAS, literatura surda, oralidade, invenção

*Numa sala de aula da universidade, fui atravessada por memórias da minha infância, entrelaçadas pela literatura. Era uma aula de literatura infanto-juvenil I. Lá, em meio à troca de experiências, pensei: será que já leram uma história para mim? A resposta passou primeiro pela marca oral da minha avó materna, ouvinte, com clássicos lidos de livretos de banca de jornal e, num segundo momento, pela lembrança do meu pai na hora de dormir usando corpo, expressão, mãos, sinais, olhos e  todo um teatro que me envolvia e fazia sentir camadas profundas de mim numa história de ninar. Depois disso encontrei com a Liliana que participa comigo do grupo de pesquisa Oficina de formação inventiva de professores - OFIP e traz em sua trajetória de professora de português e salas de leitura uma profunda relação com a literatura. No dia do encontro para lermos sua produção, percebi que ela falava sobre salas de leitura com alma e corpo. Seu texto falava sobre a arte de ler e ser lido, o que trouxe de volta o pensamento sobre as histórias de meu pai. Encontrei em Lili uma conversa. (Diário de campo, Anna Luiza, 20/05/2024)*

O artigo que aqui apresentamos se produz nos encontros e conversas forjados no Grupo de Pesquisas Oficinas de Formação Inventiva de Professores - OFIP/UERJ/CNPq, tecidos por meio das práticas cartográficas de diários e entrevistas-conversa tecidas entre uma aluna CODA do curso de graduação em Pedagogia e uma doutoranda em Educação, professora de língua portuguesa e literatura, dos quais emergem as seguintes questões: qual o lugar das narrativas na vida de uma criança CODA? Que subjetividades são produzidas no contato com a literatura e as histórias orais pela via de pais surdos? Como se dá o encontro literário de uma criança que flutua entre dois mundos? Buscamos um modo de fazer que expressa os inícios de uma cartografia com CODAS, que está em andamento. Escrita também tecida em flutuações poéticas, diarísticas e escritas que se constituem em racionalidades sensíveis e atentas aos mundos emergentes deste encontro (DIAS; PINTO; MELLO, 2023).

[...]Sou a pausa – do sinal afoito

Astronauta em dois mundos

Indo e vindo neles... amiúde

Alguém que se reinventa[...]

A "Poesia CODA" de Márcio Messias Belém, publicada em 2022 no jornal Voz Ativa, ilustra poeticamente que ser CODA é trazer em si o efeito de uma vida entre dois mundos. A pessoa CODA é um sujeito bilíngue e bicultural desde seu nascimento. Bilíngue porque LIBRAS e português estão presentes em seu universo desde o dia um de suas existências. Por conviver com pais surdos desde sua concepção, transita por entre esses idiomas e é efeito das subjetividades que esse encontro de mundos produz, se tornando, assim, um sujeito que vive em flutuação de um mundo para o outro, entre sua língua de herança e sua língua majoritária (Quadros, 2017).

As crianças CODA, por viverem nessa flutuação, normalmente, se tornam os intérpretes principais do núcleo familiar, exercendo o papel de ponte entre os pais e a sociedade ouvinte. No entanto, sua relação com o bilinguismo não é meramente operacional, muito pelo contrário. Sua condição de ouvinte imerso na cultura surda, traz a LIBRAS como modo de vida e de expressão. Essa flutuação, por natureza, extrapola, portanto, a herança meramente linguística (Fishman, 2001).

*Eu sempre acho poema mais poético em LIBRAS. LIBRAS é uma língua completa, poética, bonita. Ela é expressiva. Inclusive, quando eu tenho sentimentos muito profundos, às vezes eu só consigo pensar em LIBRAS. Porque os sentimentos mais profundos pra mim são sinais e não palavras. (Anna Luiza em conversa para a pesquisa, 17/5/2024)*

A experiência é, portanto, bicultural, porque línguas distintas criam experiências de vida coletivas dentro de lógicas distintas, produzindo costumes, tradições, modos de operar no mundo e de senti-lo, completamente diferentes um do outro, mas que, por sua vez, convivem no mesmo país, no mesmo estado, na mesma cidade.

*Ao buscar nas memórias minhas histórias da infância, me encontrei a rir e a chorar. Ao invés de ouvir histórias lidas, eu assistia com meu pai os DVDs do Instituto Nacional de Surdos - INES e ia compondo, com as histórias representadas em LIBRAS, a criança que eu fui. “Cinderela Surda”, um clássico do INES, me causava indignação; “Chapeuzinho Vermelho”, medo; João e Maria, angústia e felicidade. Essas e outras histórias foram compondo meu imaginário e meu campo de sentimentos. (Diário de campo, Anna Luiza, 18/5/2024)*

“Mas não basta o contato com o objeto livro, é preciso experienciar o encantamento e as dores da leitura, aprender a ampliar o grau de suportabilidade a ela, o que pressupõe um exercício constante de si, de invenção de si e do mundo, um exercício fundador da linguagem.” (SECRON, 2020)

O encontro dessas crianças CODA com os pais surdos e a literatura funda uma linguagem. Uma linguagem que flutua entre a palavra e o gesto, e é nesse entre que se inventa a si e inaugura uma infância que se constitui no *entre* de dois mundos.

Para compor o artigo que aqui apresentamos, conversamos com outras duas jovens CODA de estados e regiões diferentes (Minas Gerais e Pernambuco). Foi possível ampliar, com essas conversas, a percepção da importância das narrativas na produção de si e de mundos por entre a flutuação bicultural CODA.

Na fala da primeira entrevistada, que chamaremos de Helena, CODA de pai e mãe surdos, ela nos conta que seu pai abria livros infantis com bastante imagens e inventava toda uma história a partir delas. Essas histórias, a cada dia, se tornavam diferentes e iam permitindo um mergulho com um jeito novo a cada dia nas narrativas e invencionices do pai cada vez que ele contava. Já sua mãe não possuía essa relação com as histórias, mas cantava pra ela emitindo sons sem palavras que a fazia dormir.

Em muitos momentos dessa conversa das duas interlocutoras CODA foi possível visualizar a flutuação entre dois mundos, duas culturas, duas línguas. A conversa foi, de forma muito orgânica, bilíngue. O uso da LIBRAS por vezes servia para mostrar como seus pais contavam as histórias, mas, na maioria das vezes, surgia nos momentos de mais emoção ou de sintonia entre elas que chegavam a ter que pensar pra dizer em português o que facilmente diziam em LIBRAS.

A segunda entrevistada, nomeada aqui Juliana, por sua vez, filha de mãe surda e pai ouvinte, estabeleceu maior relação com histórias oralizadas por sua avó ouvinte. Já com sua mãe a relação era mais de cuidado por entre a concretude do cotidiano. As raras histórias contadas por ela eram narrativas orais. Umas que contavam as crenças populares e outras que a mãe inventava. Uma dessas histórias acontecia nos dias de chuva em que a casa enchia por conta de um riacho que passava atrás dela. No escuro da noite, para aliviar o medo, sua mãe fazia um barquinho de papel, colocava na água que corria e contava para ela sobre o barquinho que chegava ao rio.

*Na minha experiência eu via meu pai no pai de Helena e na mãe de Juliana, mas, principalmente, minha mãe na mãe da Helena, produzia um ninar com histórias próprias para contar, e murmurava uma canção que nunca ouviu para embalar Helena que logo adormecia.  (Diário de Campo, Anna Luiza, 20/5/2024)*

Pais surdos se deparam com um filho ouvinte para criar e desde o choro até o ler histórias se inventam a si e a mundos, nas suas práticas e na suas existências, transformando a experiência de ser essa criança CODA, de habitar um *entremundos,* um lugar, que produz cultura, língua, sentir, ver e ouvir o silêncio com toda sua potência enunciativa, e, dessa forma, as singulariza.

Há efeitos produzidos no cruzamento das três experiências CODA's forjadas na OFIP/UERJ/CNPq por meio de práticas de pesquisas que se problematizam coletivamente. Tais efeitos são explicitados pelo princípio de uma formação inventiva de professores - ampliar o grau de suportabilidade para experienciar uma experiência de problematização (DIAS, 2012), que ganha forma, aqui, por meio de algumas perguntas:

No cruzamento das três experiências CODA traremos para o debate as seguintes questões: Como se dá a flutuação pela biculturalidade quando se tem uma história a ser contada? A arte literária opera como produção de frescor para o ineditismo de ser e de produzir dispositivos para a invenção de si e de mundos? Que subjetividades produzem as relações entre CODAS, seus pais, a literatura e contação de histórias?

REFERÊNCIAS

BELÉM, Márcio Messias. Poesia CODA. *Jornal Voz Ativa*, 2022. Disponível em:

https://jornalvozativa.com/colunas/inclusao-poesia-coda-por-marcio-messias-belem/ Acesso em: 19 maio 2024.

DIAS, Rosimeri de Oliveira. *Formação inventiva de professores*. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2012.

DIAS, Rosimeri de Oliveira; PINTO, Liliana Secron; MELLO, Ana Luiza Gonçalves Dias. Por entre feras, escutas e encantos: práticas de formar perspectivadas pela invenção. *Revista Aceno*. [v. 10 n. 24 (2023): setembro a dezembro de 2023](https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/issue/view/754). Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/15721> Acesso em: 22 maio 2024.

FISHMAN, Joshua A. Can Threatened languages be saved? 1.ed. Estados unidos:

Multilingual Matters,2001

KASTRUP, Virgínia. A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição.São Paulo: Repositório PUC SP, 1997. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15781>

Acesso em: 22 maio 2024

QUADROS, Ronice Müller de. *Língua de herança*. 1. ed. São Paulo: Penso Editora, 2017.

SECRON, Liliana. *Salas de leitura e suas heterotopias como dispositivo para uma Formação Inventiva de Professores*. 2020. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2020. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/19024> Acesso em: 22/5/2024

SECRON, Liliana. *Salas de leitura e formação inventiva de professores*. Mato Grosso do Sul: Ed. da UEMS, 2024. (no prelo)